

Maria Otília Brites Zangão  
(Organizadora)



Aleitamento  
*materno*  
no contexto social

  
Ano 2022



Maria Otília Brites Zangão  
(Organizadora)

**Aleitamento**  
*materno*  
no contexto social

 **Atena**  
Editora  
Ano 2022

**Editora chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Editora executiva**

Natalia Oliveira

**Assistente editorial**

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecária**

Janaina Ramos

**Projeto gráfico**

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

**Imagens da capa**

iStock

**Edição de arte**

Daphynny Pamplona

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

**Conselho Editorial****Ciências Biológicas e da Saúde**

Profª Drª Aline Silva da Fonte Santa Rosa de Oliveira – Hospital Federal de Bonsucesso

Profª Drª Ana Beatriz Duarte Vieira – Universidade de Brasília

Profª Drª Ana Paula Peron – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília

Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás



Prof. Dr. Cirênio de Almeida Barbosa – Universidade Federal de Ouro Preto  
Profª Drª Daniela Reis Joaquim de Freitas – Universidade Federal do Piauí  
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina  
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Fernanda Miguel de Andrade – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra  
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco  
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. José Aderval Aragão – Universidade Federal de Sergipe  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Maurilio Antonio Varavallo – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá  
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino  
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Sheyla Mara Silva de Oliveira – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Suely Lopes de Azevedo – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Vanessa da Fontoura Custódio Monteiro – Universidade do Vale do Sapucaí  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Welma Emídio da Silva – Universidade Federal Rural de Pernambuco



## Aleitamento materno no contexto social

**Diagramação:** Camila Alves de Cremo  
**Correção:** Mariane Aparecida Freitas  
**Indexação:** Amanda Kelly da Costa Veiga  
**Revisão:** Os autores  
**Organizadora:** Maria Otília Brites Zangão

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A366 Aleitamento materno no contexto social / Organizadora  
Maria Otília Brites Zangão. – Ponta Grossa - PR: Atena,  
2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0218-3

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.183223105>

1. Amamentação. 2. Aleitamento. I. Zangão, Maria  
Otília Brites (Organizadora). II. Título.

CDD 649.33

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

**Atena Editora**  
Ponta Grossa – Paraná – Brasil  
Telefone: +55 (42) 3323-5493  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br



## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



## DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.





## APRESENTAÇÃO

A obra “Aleitamento Materno em Contexto Social” é uma obra que tem como foco principal a discussão científica por intermédio de trabalhos diversos que compõe seus capítulos. O volume abordará de forma categorizada e interdisciplinar pesquisas e/ou revisões que transitam nos vários caminhos do Aleitamento Materno e na importância da atuação dos profissionais de saúde, nomeadamente os Enfermeiros Especialistas em Enfermagem de Saúde Materna e Obstétrica.

O objetivo central foi apresentar de forma categorizada e clara estudos que versam a temática do Aleitamento Materno. Em todos esses trabalhos a linha condutora foi o aspecto relacionado ao Aleitamento Materno, sendo este a via mais segura de garantir o melhor desenvolvimento das crianças. O Aleitamento materno contribui para o ajustamento psicossocial da criança e promove a proximidade entre mãe e filho, fortalecendo o vínculo iniciado durante a gestação.

O aleitamento materno é uma estratégia de promoção de saúde e vínculo para mãe e filho. De acordo com as orientações atuais, idealmente deve ser realizado de forma exclusiva nos primeiros seis meses de vida e complementar até o período mínimo de dois anos de idade, fornecendo os componentes necessários para o bebê e contribui para a saúde materna, assim como para a sustentabilidade do planeta, tendo um papel fundamental no cumprimento dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável.

A Organização Mundial de Saúde (OMS) e o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) aconselham a colocação dos recém-nascidos em contato direto com as suas mães logo após o parto, durante, no mínimo, uma hora e encorajam o reconhecimento de sinais de disponibilidade para a adaptação à mama, sendo definida com a *golden hour*. Para além do vínculo que se estabelece, o leite materno possui características específicas que permitem suprir todas as necessidades do recém-nascido e que lhe permite uma maior resistência face a possíveis complicações/doenças que possam surgir. Quando se trata de recém-nascidos prematuros ou com necessidades adaptativas especiais, por definição, estão mais sensíveis a situações de morbidade/mortalidade, neste sentido o leite materno assume um papel de extrema importância para o seu desenvolvimento imunitário, intestinal e cognitivo.

Pesquisas revelam alta prevalência de desmame precoce em países com diferenças econômicas e culturais em relação ao Brasil, e enfatizam as dificuldades em incentivar e apoiar a continuidade da amamentação. Através da análise bibliográfica qualitativa integrativa das publicações/estudos selecionados, foi possível constatar que a educação, como tecnologia de cuidado, é uma das principais ferramentas na assistência em enfermagem, com potencial transformador no estímulo ao aleitamento materno e na prevenção ao desmame precoce.



A lactação deverá ser uma escolha, uma opção, a que todas as mulheres devem ter acesso, inclusive aquelas que, pelas mais variadas razões, querem amamentar apesar de não terem engravidado.

A infecção causada pela COVID-19 trouxe diversas preocupações para a população em geral, principalmente para aqueles de maior risco, como gestantes, nutrizes e recém-nascidos. Devido a recente descoberta do vírus, surgiram dúvidas relacionadas ao aleitamento materno e o risco de contágio da doença para o neonato, sendo necessário refletir acerca do cuidado a estas mulheres.

Com a pandemia em 2020 e 2021 observamos uma grande diminuição do aleitamento materno exclusivo. Consideramos que há a necessidade de apostar mais na formação dos profissionais sobre esta temática para que o apoio ao aleitamento materno tanto na gravidez, nas políticas hospitalares de parto de mulheres covid positivas e no pós-parto, de forma a trazer ganhos para a saúde futura das crianças, das mães e população em geral.

Maria Otília Brites Zangão

## SUMÁRIO

### **CAPÍTULO 1..... 1**

#### **ALEITAMENTO MATERNO NO CONTEXTO SOCIAL**


Raphael Lopes Ferraz  
Isabelle Melo da Camara  
Luís Alexandre Lira de Castro  
Patrícia Leite Brito

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1832231051>

### **CAPÍTULO 2..... 6**

#### **O ALEITAMENTO MATERNO COMO PROMOTOR DE SAÚDE E SUSTENTABILIDADE: REVISÃO INTEGRATIVA DA LITERATURA**


Ana Raquel Moreno  
Joana Filipa Gonçalves Pereira  
Vanda Isabel Cerejo Sequeira  
Vera Lúcia Gordo Polainas  
Maria Otilia Brites Zangão

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1832231052>

### **CAPÍTULO 3..... 19**

#### **GOLDEN HOUR E O SUCESSO NO ALEITAMENTO MATERNO: REVISÃO NARRATIVA DA LITERATURA**


Catarina Maria Pinto Henriques  
Débora Cristiana Mascote Colaço  
Leandro Miguel dos Santos Pereira  
Maria Otilia Brites Zangão

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1832231053>

### **CAPÍTULO 4..... 31**

#### **PREVALÊNCIA DO ALEITAMENTO MATERNO EM RECÉM-NASCIDOS COM NECESSIDADES ADAPTATIVAS ESPECIAIS: UMA REVISÃO INTEGRATIVA**

Daniela Maria Bicho Alves  
Helena Alexandra da Silva Ildefonso  
Raquel Filipa Fernandes Domingos  
Maria Otilia Brites Zangão


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1832231054>

### **CAPÍTULO 5..... 45**

#### **ALEITAMENTO MATERNO: FATORES QUE CONTRIBUEM PARA O DESMAME PRECOCE**

Aclênia Maria Nascimento Ribeiro  
Ravena de Sousa Alencar Ferreira  
Carla Lorena Moraes de Sousa Carneiro  
Maria Eliane Andrade da Costa  
Níobe Guimarães Fernandes

Ana Caroline Escórcio de Lima  
Lilian Samara Braga Meireles  
Lília Regina de Lima Cardoso Nascimento  
Andressa Maria Laurindo Souza  
Samara Adrião de Oliveira  
Galvaladar da Silva Cardoso  
Carolline Mendes Ribeiro de Oliveira  
Thayse Soares Spindola Araújo

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1832231055>

## **CAPÍTULO 6..... 54**

### **ALEITAMENTO MATERNO E SEUS DESAFIOS: A IMPORTÂNCIA DA ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM NA PREVENÇÃO AO DESMAME PRECOCE**

Patrícia Corrêa da Silva  
Nilva Lúcia Rech Stedile  
Luana Camila Capitani  
José Carlos Corrêa da Silva Junior

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1832231056>

## **CAPÍTULO 7..... 68**

### **INDUÇÃO DA LACTAÇÃO EM MULHERES NÃO GRÁVIDAS**


Anellita Gonçalves Chambel Mendes Moreira  
Joana Nunes Dias Lopes  
Sara Cristina Gaitas Rodrigues Pereira  
Maria Otilia Brites Zangão

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1832231057>

## **CAPÍTULO 8..... 79**

### **ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM AO ALEITAMENTO MATERNO DE PUÉRPERAS COM COVID-19**

Jenefer da Silva  
Laianny Luize Lima e Silva  
Antonia Regynara Moreira Rodrigues  
Márcia Sousa Santos  
Monyka Brito Lima dos Santos  
Kellyane Folha Gois Moreira  
Camilla Lohanny Azevedo Viana  
Lívia Martins Dantas

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1832231058>

## **CAPÍTULO 9..... 91**

### **CONSEQUÊNCIAS DO COVID 19 NO ALEITAMENTO MATERNO NO BAIXO ALENTEJO**

Solange Pereira Fernandes da Silva  
Maria Úrsula Ramalho Carvalho dos Santos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1832231059>

<b>SOBRE A ORGANIZADORA.....</b>	<b>103</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO.....</b>	<b>104</b>

# CAPÍTULO 8

## ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM AO ALEITAMENTO MATERNO DE PUÉRPERAS COM COVID-19

Data de aceite: 16/05/2022

Data de submissão: 08/03/2022

### **Jenefer da Silva**

Centro Universitário de Ciência e Tecnologia do Maranhão, Curso de Enfermagem  
Caxias- Maranhão  
<http://lattes.cnpq.br/7010985402996891>

### **Laianny Luize Lima e Silva**

Centro Universitário de Ciência e Tecnologia do Maranhão, Curso de Enfermagem  
Caxias- Maranhão  
Universidade Federal do Piauí, Doutorado em Enfermagem  
Teresina- Piauí  
<http://lattes.cnpq.br/3509411339767194>

### **Antonia Regynara Moreira Rodrigues**

Universidade Federal do Acre, Curso de Enfermagem  
Rio Branco- Acre  
<http://lattes.cnpq.br/1861167483356793>

### **Márcia Sousa Santos**

Centro Universitário de Ciência e Tecnologia do Maranhão, Curso de Enfermagem  
Caxias- Maranhão  
<http://lattes.cnpq.br/6637288620585705>

### **Monyka Brito Lima dos Santos**

Universidade Federal do Ceará, Mestrado em Enfermagem  
Fortaleza- Ceará.  
<http://lattes.cnpq.br/6560552273096253>

### **Kellyane Folha Gois Moreira**

Universidade Federal do Piauí, Doutorado em Enfermagem  
Teresina- Piauí  
<http://lattes.cnpq.br/2198797539705879>

### **Camilla Lohanny Azevedo Viana**

Centro Universitário de Ciência e Tecnologia do Maranhão, Curso de Enfermagem  
Caxias- Maranhão  
<http://lattes.cnpq.br/8642249782286165>

### **Lívia Martins Dantas**

Hospital Universitário da Universidade Federal do Piauí  
Teresina- Piauí  
<http://lattes.cnpq.br/5103767821105390>

**RESUMO:** O leite materno é o único alimento que garante nutrientes em qualidade e quantidade necessária para o lactente. Porém, diante das dúvidas e incertezas geradas pela pandemia da covid-19, faz-se necessário recorrer a informações, recomendações e cuidados relacionados ao aleitamento materno. Dessa forma, o objetivo deste estudo foi analisar as evidências científicas sobre a assistência de enfermagem ao aleitamento materno de puérperas com COVID-19. Tratou-se de uma revisão narrativa desenvolvida através de pesquisas nas bases de dados online, BIREME/ BVS, SCIELO e PUBMED, com palavras chaves pré-selecionadas, obtendo-se pesquisas indexadas no período de 2020 a 2021. Os resultados apontaram as estratégias de manejo ao binômio, as medidas que devem ser tomadas

para diminuir a chance de transmissão viral durante a amamentação e prevenção de infecção do bebê, bem como cuidados de apoio e orientação às puérperas para promover acompanhamento específico e integral, redução dos riscos à saúde materna e infantil e meios de segurança e atenção para a mãe e para o recém-nascido.

**PALAVRAS-CHAVE:** Período Pós-Parto; COVID-19; Aleitamento materno; Cuidados de Enfermagem; Enfermagem.

## NURSING ASSISTANCE FOR BREAST FEEDING OF PUERPERAS WITH COVID-19

**ABSTRACT:** Breast milk is the only food that guarantees nutrients in the quality and quantity needed by the infant. However, given the doubts and uncertainties generated by the covid-19 pandemic, it is necessary to resort to information, recommendations and care related to breastfeeding. Thus, the objective of this study was to analyze the scientific evidence on nursing care for breastfeeding of postpartum women with COVID-19. It was a narrative review developed through searches in the online databases, BIREME/BVS, SCIELO and PUBMED, with pre-selected keywords, obtaining indexed searches from 2020 to 2021. The results showed the strategies of management to the binomial, the measures that must be taken to reduce the chance of viral transmission during breastfeeding and prevention of infection of the baby, as well as support care and guidance to postpartum women to promote specific and comprehensive monitoring, reduction of risks to maternal health and child care and means of safety and care for the mother and the newborn.

**KEYWORDS:** Postpartum Period; COVID-19; Breast Feeding; Nursing Care; Nursing.

## 1 | INTRODUÇÃO

A infecção humana causada pelo novo coronavírus, Severe Acute Respiratory Syndrome-Coronavirus (SARS-CoV-2) e denominada COVID-19, foi declarada “Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional” pela Organização Mundial da Saúde (OMS), pois desde sua descoberta, em dezembro de 2019, vem acometendo a população de forma avassaladora, principalmente os grupos de riscos, os quais são mais propícios a desenvolver diversas complicações (SILVA et al., 2020).

Dentre os grupos considerados de risco, estão as puérperas que estão amamentando exclusivamente, as quais despertam atenção da sociedade e dos profissionais da saúde, em relação aos riscos de infecção do recém-nascido durante o aleitamento materno e à segurança dos medicamentos que possam vir a ser utilizados para o tratamento materno da doença (CHAVES, LAMOUNIER, SANTIAGO, 2020).

No entanto, estudos realizados recentemente a partir da coleta de amostra do líquido amniótico, de sangue do cordão umbilical e de swab neonatal após o nascimento, os desfechos apresentaram negativo ao coronavírus-19 em todas as amostras, indicando que não ocorreu transmissão vertical da doença. Os mesmos achados de negatividade para a COVID-19 foram encontrados em amostras do leite materno (DANTAS et al., 2020).

Contudo, em razão da COVID-19 ser um vírus novo e ainda restrito de informações tangíveis, o risco de contágio causa medo e aflição para muitas pessoas, principalmente em gestantes e puérperas, além dos profissionais que realizam o pré-natal. Desse modo a reflexão no que diz respeito a amamentação apresenta-se como uma conjunção que exige atenção no contexto dessa pandemia (TACLA et al., 2020).

A Organização Mundial de Saúde (OMS) e o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) aconselham que o alactamento inicie no primeiro momento após o nascimento e seja provido exclusivamente durante os seis primeiros meses de vida e, após, complementar com alimentos adequados a sua idade até dois anos ou mais. Pois, o aleitamento materno é essencial para a sobrevivência, nutrição, desenvolvimento infantil e a saúde da mãe. (MASCARENHAS et al., 2020). Além disso, a relevância do aleitamento materno repousa na criação de laços afetivos com a figura materna, no desenvolvimento biológico e psíquico da criança e na modulação do sistema imunológico infantil (SILVA et al., 2020; TACLA et al., 2020).

Frente ao cenário de pandemia, há o questionamento sobre a manutenção do aleitamento materno devido à necessidade de adoção de algumas medidas de segurança para a prevenção e controle da infecção neonatal, porém pesquisa recente com nutrízes acometidas pela COVID-19 ou com suspeita da doença, evidenciaram que o novo coronavírus não foi detectado no leite materno, mas foram identificados anticorpos específicos contra o mesmo nas amostras de leite de mães testadas como positivas para a doença (RODRIGUES et al., 2020).

Nesse contexto, emerge a gestão dos cuidados de enfermagem, contribuindo com orientações sobre o processo do aleitamento exclusivo, desenvolvendo intervenções e estratégias baseadas em evidências científicas, na humanização e no protagonismo da puérpera (LIMA et al., 2021). Assim, a questão norteadora desse estudo foi: “Quais evidências norteiam a assistência de enfermagem a puérperas com COVID-19 em aleitamento materno?”. Cujo objetivo foi analisar as evidências científicas sobre a assistência de enfermagem ao aleitamento materno de puérperas com COVID-19.

## 2 | METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão narrativa, sobre a assistência de enfermagem a parturientes com COVID-19 em aleitamento materno, desenvolvida nas seguintes etapas: identificação do tema e seleção da questão de pesquisa; estabelecimento dos critérios de inclusão e exclusão dos artigos; definição das informações a serem extraídas; avaliação dos estudos incluídos; interpretação dos resultados e apresentação da revisão.

A construção da questão norteadora desta revisão integrativa foi mediada pela estratégia PICo (P: Paciente, I: Intervenção e Co: Contexto): “Quais evidências norteiam a assistência de enfermagem a PUÉRPERAS com COVID-19 em aleitamento materno?”.



Para a localização dos estudos relevantes, que respondessem à questão da pesquisa, utilizou-se de descritores, obtidos a partir do Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) e Medical Subject Headings (MESH), “parturiente”, “covid-19”, “assistência de enfermagem” e “aleitamento materno” nos idiomas português, inglês e espanhol.

Como critérios de inclusão considerou-se artigos que apresentavam informações sobre a temática nos idiomas português espanhol e inglês e excluíram-se capítulos de livros, resumos, textos incompletos, teses, dissertações, monografias, cartas, editoriais e artigos duplicados.

A análise para seleção dos estudos foi realizada em duas fases. Na primeira fase, os estudos foram pré-selecionados segundo os critérios de inclusão e exclusão e de acordo com a estratégia de funcionamento e busca de cada base de dados, obtendo-se novecentos e trinta e seis (936) estudos como busca geral na BVS, sendo que limitando a busca pra artigos com texto completo, assunto principal: aleitamento materno, leite humano, cuidados de enfermagem, lactação, enfermagem materno infantil, infecção por coronavírus, enfermagem, idiomas português, inglês e espanhol, bases de dados LILACS, MEDLINE, BDEF obtiveram-se setenta e nove (79) estudos, destes foram analisados títulos e resumos onde apenas três (03) estudos foram condizentes com a questão desta pesquisa.

Na base PUBMED, como busca total foram encontrados sete mil e dez (7.010) estudos, aplicando na pesquisa o filtro que limita por texto completo grátis, realizado nos últimos três anos, espécie-humanos, sujeito de revisão sistemáticas, obteve-se trinta e três (33) estudos, destes três (03) foram analisados títulos e resumos e incluídos na amostra.

Na SCIELO foram obtidos três mil setecentos e quatro (3.704) estudos como busca geral, sendo que limitando a busca em coleções- todos; periódicos: revista brasileira de ginecologia, obstetrícia, cadernos de saúde pública, revista de saúde pública, ciências e saúde coletiva e revista de associação médica brasileira, saúde e sociedade, jornal de pediatria, revista paulista de pediatria; ano de publicação 2019 a 2021; áreas temáticas: ciências da saúde e pediatria; tipo de literatura: artigo, resultou em noventa (90) estudos, sendo que quatro (04) foram condizentes com a questão desta pesquisa após a análise dos títulos e resumos.

Na segunda fase os estudos foram analisados quanto ao potencial de participação no estudo, avaliando o atendimento à questão de pesquisa, bem como o tipo de investigação, objetivos, amostra, método, desfechos, resultados e conclusão, resultando em dez (10) artigos conforme diagrama a seguir.



Figura 1- Fluxograma do processo de seleção dos estudos para a revisão integrativa. Brasil, Caxias-MA, 2021.

Fonte: Elaborado pelos autores.

Para coleta de dados foi utilizado um instrumento denominado de matriz de síntese, que permite analisar separadamente cada artigo, extrair e organizar os dados, classificar as evidências científicas segundo os níveis e graus de recomendação propostos por Bork (2011) e elaborar a síntese das evidências.

Na análise dos estudos foram criadas categorias analíticas que facilitaram a ordenação, a sumarização e a comparação dos resultados, de forma descritiva, indicando os dados relevantes para o estudo a partir da interlocução entre os autores. A pesquisa levou em consideração os aspectos éticos da pesquisa quanto às citações dos estudos, respeitando a autoria das informações, os conceitos e as definições presentes nos artigos incluídos na revisão.

### 3 | RESULTADOS E DISCUSSÕES

A apresentação dos resultados está organizada em duas partes. A primeira está relacionada com a caracterização dos estudos e a segunda apresenta a análise a assistência de enfermagem a parturientes com COVID-19 em aleitamento materno.

O quadro 03 apresenta a classificação dos estudos obtida através da matriz de

síntese da amostra dessa revisão de acordo com autoria, tema, objetivo e delineamento da pesquisa.

BASE	AUTOR/ ANO	TEMA	OBJETIVO	DELINEAMENTO
BIREME	CROIX, 2021 (1)	Apoio a amamentação em comunidades rurais de Newfoundland e Labrador durante COVID-19	Discutir a influência da localização geográfica, normas sociais e acessibilidade aos serviços de saúde na amamentação em comunidades rurais e remotas.	Revisão de escopo
BIREME	LATORRE et al., 2021 (2)	Impacto do bloqueio pandêmico de COVID-19 na amamentação exclusiva em mães não infectadas	Examinar o impacto do bloqueio causado pela pandemia de COVID-19 na amamentação exclusiva em mães não infectadas.	Coorte prospectiva
BIREME	CARDOSO et al., 2021 (3)	Saúde materno-infantil no contexto da pandemia de COVID-19: evidências, recomendações e desafios	Apresentar as principais evidências, recomendações e desafios para a saúde materno-infantil no contexto da pandemia de COVID-19.	Revisão narrativa
PUBMED	BGEE KUNJUMON et al., 2021 (4)	Leite materno e amamentação de bebês nascidos de mães positivas para SARSCoV-2: um estudo prospectivo de coorte observacional	Determinar se o SARS-CoV-2 estava presente no leite materno de mães lactantes que tiveram um teste de esfregaço nasofaríngeo positivo para SARS-CoV-2 antes do parto e os resultados clínicos para seus recém-nascidos.	Coorte prospectiva
PUBMED	VIDEHOLM et al., 2021 (5)	Prática de amamentação, política de amamentação e hospitalizações por doenças infecciosas na primeira e na última infância: um estudo baseado em registro no Condado de Uppsala, Suécia	Examinar a associação entre a prática da amamentação e as hospitalizações por doenças infecciosas na primeira e na segunda infância, em particular, para comparar a amamentação exclusiva de 4-5 meses com a amamentação exclusiva de 6 meses.	Coorte
PUBMED	CALIL et al., 2021 (6)	Orientação sobre amamentação durante a pandemia de Covid-19	Essas recomendações têm como objetivo fornecer orientações sobre a amamentação para mães com suspeita ou confirmação de Covid-19.	Revisão
SCIELO	MARCHIORI et al., 2020 (7)	Ações de enfermagem em bancos de leite humano em tempos de COVID-19	Analisar as ações da coordenação dos Bancos de Leite Humano para favorecer a continuidade do aleitamento materno na pandemia do COVID-19.	Estudo descritivo

<b>SCIELO</b>	MARTINS-FILHO et al., 2020 (8)	Evidências sobre a presença de SARS-CoV-2 no leite materno de mulheres grávidas com COVID-19	Avaliar as evidências atuais relacionadas à presença de SARS-CoV-2 no leite materno de gestantes com COVID-19	Revisão sistemática com meta-análise
<b>SCIELO</b>	LIMA et al., 2020 (9)	Consultoria em amamentação durante a pandemia COVID-19: relato de experiência	Relatar a experiência de consultoras em amamentação no atendimento às lactantes durante a pandemia de COVID-19.	Relato de experiência
<b>SCIELO</b>	DURAN et al., 2020 (10)	COVID-19 e saúde do recém-nascido	Descrever os resultados perinatais e neonatais em recém-nascidos expostos ao SARS-CoV-2.	Revisão sistemática

Quadro 1 – Caracterização das publicações. Caxias- MA, 2021.

Fonte: Elaborado pelos autores.

Os dez estudos inclusos estavam publicados nas diferentes bases de dados, nas línguas portuguesas e inglesas, predominando estudos desenvolvidos no Brasil e nos Estados Unidos da América. As publicações estavam concentradas nos anos de 2020 a 2021, com abordagem qualitativa, compostas por estudos descritivos e exploratórios, revisões sistemáticas e estudos de coorte, prevalecendo o grau de recomendação “A” para adesão na prática clínica.

A infecção causada pela COVID-19 trouxe diversas preocupações para a população em geral, principalmente para aqueles de maior risco, como gestantes, nutrízes e recém-nascidos. Devido a recente descoberta do vírus, surgiram dúvidas relacionadas ao aleitamento materno e o risco de contágio da doença para o neonato, sendo então necessários estudos sobre a temática, no qual se encontra a presente revisão.

As pesquisas foram incluídas pela importância no contexto atual vivenciado, tendo como intuito analisar a amamentação inserida em tempos de pandemia de COVID-19 por meio de diversos contextos. Após a análise geral dos artigos, procedeu-se a análise minuciosa e individual de cada artigo, emergindo duas categorias: Diretrizes para a assistência de enfermagem à puérpera em aleitamento materno com COVID-19 e Dificuldades e avanços no aleitamento materno no cenário de COVID-19

### **3.1 Diretrizes para a assistência de enfermagem à puérpera em aleitamento materno com COVID-19**

Estudos analisados apontaram que a coexistência da gestação/puerpério e infecção por COVID-19 impõe muitos desafios a puérpera, pois diversas implicações éticas e morais estão envolvidas. Nesse sentido, Costa (2021) define que a conduta adotada deve ser de caráter individual, abrangendo todos os aspectos de saúde do binômio mãe-filho, estimando os riscos e benefícios de cada decisão.

Para Cardoso et al. (2021) em meio aos tempos de Covid-19, houve retrocesso na

prática da amamentação, pelo receio da transmissão e infecção pelo Sars-Cov-2, o que coloca em risco a saúde e o desenvolvimento infantil. Contudo, a amamentação diante de todos os contextos e cenários, fornece proteção contra doenças infectocontagiosas e respiratórias, diarreia, alergias, além de ser um fator protetivo na saúde da mulher, prevenindo diversos agravos de saúde, como o câncer de mama (RAMIRO et al., 2021).

A assistência de enfermagem a puérpera em aleitamento materno no contexto da pandemia do covid-19 tornou-se um grande desafio para mães e profissionais de saúde, devido a isso, passou por mudanças e atualizações. Segundo Ramiro et al. (2021), ao contato com o RN de puérperas confirmadas e/ou suspeitas de COVID-19 tanto profissionais quanto familiares devem seguir as recomendações de uso de utensílios de proteção para promoção da saúde e prevenção de contato com a infecção.

O uso de equipamentos de proteção individual como gorros, óculos de proteção, roupas de proteção, luvas, máscaras, tornou-se estratégia fundamental para prevenção da infecção cruzada do Covid-19 (DURAN et al., 2020; CARDOSO et al., 2021; CALIL et al., 2021).

Nesse sentido, até o presente momento, reconhece-se que, mesmo frente ao atual cenário, o parto natural deve ser incentivado e a amamentação mantida, desde que assegurados os cuidados higiênico-sanitários para a saúde materno-fetal (MARTINS-FILHO et al., 2020). O contato pele a pele está contraindicado, contudo é importante possibilitar o contato visual entre a mãe e o bebê ainda na sala de parto, o alojamento conjunto em quarto privativo pode ser mantido, com regime de isolamento e leite materno, separado por dois metros de distância do berço (XU et al., 2020).

Recomendações apontadas nos estudos de Kunjumon et al., 2021 e Martins-Filho et al., 2020 e corroboradas pela União Europeia de Neonatologia e Sociedades Perinatais definem que se uma mãe previamente identificada positiva ou sob suspeita para COVID-19 for assintomática no momento do parto, a amamentação direta é aconselhável, sob rigorosas medidas de controle de infecção (MELO et al., 2020). Por sua vez, Rodrigues e colaboradores (2021) reforçam que, nessas condições, o recém-nascido será tratado separadamente e alimentado com leite materno expresso fresco, sem a necessidade de pasteurizá-lo, pois não há evidências de que o leite humano seja possível transmissor do COVID-19.

Existe a possibilidade de que a mulher retire o leite materno, seguindo todas as recomendações de limpeza das bombas e utensílios após cada uso e considerar a possibilidade de alguém saudável fornecer o leite materno desmamado ao bebê usando um copo ou colher, essa pessoa deve receber treinamento de profissional qualificado antes de iniciar os procedimentos, (CARDOSO et al., 2021; MELO et al., 2020; RAMIRO et al., 2021).

Melo et al. (2020) apontou que a garantia da assistência e atenção às gestantes, puérperas e recém-nascidos, no contexto da pandemia, deve ser instituída, nos serviços

de pré-natal e maternidades, através de uma triagem de sintomas respiratórios e avaliação da presença de fatores de risco. Torna-se importante garantir o acesso a cuidados especializados de medicina obstétrica e fetal, cuidados neonatais, bem como saúde mental e apoio psicossocial à mulher (MARTINS-FILHO et al., 2020).

Corroborando com este fato, Mota et al. (2021) endossa em seu estudo que é vetada visita para neonatos com diagnóstico, ou com mães com suspeita ou diagnóstico de COVID-19, com ressalva apenas em casos de risco eminente a vida.

### **3.2 Dificuldades e avanços no aleitamento materno no cenário do COVID-19**

A pandemia do COVID-19 trouxe inúmeras preocupações e necessidades assistenciais para a vida da mulher na gestação, parto e o puerpério e segundo Martins-Filho et al. (2020), essas dificuldades resultaram em experiências marcantes e a sequência de fatos, fazem-na lembrar de que está em busca de uma conquista, o desejo de ter um filho perfeito e com saúde, em local que lhe indique e demonstre segurança.

As dificuldades encontradas no aleitamento materno diante do cenário da pandemia evidenciam-se nas diversas restrições decorrentes do COVID-19, tais como a limitação do contato com o filho, os riscos biológicos e químicos contínuos, as alterações psicológicas, o despreparo dos profissionais diante da pandemia do covid-19 e os empasses na gestão do SUS (DURAN et al., 2020; LIMA et al., 2020; VIDEHOLM et al., 2021).

Como afirma Moreira et al. (2021), a gravidez é um período de intensas alterações para a mulher, com mudanças físicas e hormonais no corpo da gestante para acomodar o feto, as dificuldades em que a mulher se encontra inserida em seu meio socioeconômico e cultural, podendo apresentar variações de sentimentos como dúvidas, insegurança, fragilidade, ansiedade e o medo da modificação da imagem corporal e da criança não ser saudável. Por outro lado, Costa (2021) discorre que surge o sentimento de alegria, felicidade, ânimo, necessitando assim, ser atendida em sua integralidade, revelando a íntima relação entre os fenômenos psíquicos e os somáticos.

Segundo Rodrigues et al. (2021), avanços importantes foram implementados diante da pandemia do COVID-19, associado a avaliação da atenção pré-natal e puerperal prevê a utilização de indicadores de processo, de resultado e de impacto. O profissional de saúde, provedor da atenção pré-natal e puerperal, deverá monitorar continuamente a atenção prestada por meio dos indicadores do processo. A interpretação dos indicadores de processo do Programa de Humanização no Pré-Natal e Nascimento (PHPN) é importante instrumento para organização da assistência (MARTINS-FILHO et al., 2020).

Corroborando com os dados, Rodrigues (2021) as dificuldades e limitações advindas da pandemia devem ser levadas em consideração na assistência à saúde da puérpera com COVID-19. Costa (2021) complementa que sobre o aleitamento em tempos de pandemia, a política de humanização baseada no acolhimento, implica recepção da mulher, desde sua chegada na unidade de saúde, responsabilizando-se por ela, ouvindo suas queixas,

permitindo que ela expresse suas preocupações, angústias, garantindo atenção resolutiva e articulação com os outros serviços de saúde para a continuidade da assistência quando necessário.

## 4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo de revisão da literatura com foco na assistência de enfermagem a puérperas no aleitamento materno descreveu avanços importantes à saúde materna e infantil pela larga diversidade de pesquisa com implementações nas práticas assistências continuamente, analisou a aplicação de estratégias de controle de infecção e promoção da saúde e segurança do binômio mãe e filho, a redução das limitações assistenciais, o estímulo ao aleitamento com proteção para mãe e filho, promovendo aproximação e contato visual para produção de vínculos e alimentação do recém-nascido com qualidade.

As limitações evidenciadas nesta pesquisa se deram pela indisponibilidade de dados relevantes aos objetivos pré-estabelecidos nesta pesquisa nas bases de dados, a grande quantidade de artigos pagos, os estudos sem comprovação científicas, o uso de pensamentos e linhas políticas em estudos que reduz a cientificidade e relevância de diversos estudos e a superprodução de estudos baseados no empirismo. As dificuldades no aleitamento materno na pandemia do COVID-19 foram o medo de transmitir o vírus ao filho, a falta de informações, os estigmas e tabus sociais sobre o papel da mãe e os protocolos de distanciamento social.

Portanto a assistência de enfermagem a parturientes e puérperas no aleitamento materno é primordial para promoção da vida, prevenção de complicações nutricionais e imunológicas com respeito aos princípios do SUS e a vida. Assim sendo, este estudo é primordial para compreendera mulher gestante ou puérpera no contexto pandêmico e suas limitações, o estudo fomenta a necessidade de acompanhamento integral, redução dos riscos à saúde materna e infantil, defende as estratégias de manejo ao binômio, o apoio psicológico e psicossocial é fundamental para minorar os agravos e conseqüentemente, levar uma melhor qualidade de vida, saúde e fornecer meios de segurança e atenção a mãe e o recém-nascido.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA de S. R. V. et al. Características clínicas, laboratoriais e radiológicas da COVID-19 em crianças. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v.7, n.1, p. 9601-9615 Jan. 2021. Disponível em: <https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/23732/19067>.

AZEVEDO, M. H. E. et al. Estratégias de intervenção na Rotina de Cuidados no Banco de Leite Humano diante da pandemia de COVID-19. **CoDAS**, vol.32 no.5 São Paulo 2020 Epub Nov 02, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/23171782/20192020210>.



CALIL, V. et al. Guidance on breastfeeding during the Covid-19 pandemic. **Revista da Associação Médica Brasileira** [online]. 2020, v. 66, n. 4 [Accessed 29 September 2021] , pp. 541-546. Available from: <<https://doi.org/10.1590/18069282.66.4.541>>.

CARDOSO, P. C. et al. Maternal and child health in the context of COVID-19 pandemic: evidence, recommendations and challenges. **Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil** [online]. 2021, v. 21, n. Suppl 1 [Acessado 23 Outubro 2021], pp. 213-220. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/18069304202100S100011>>.

CARELLI, Z. G. et al. COVID-19 em recém-nascidos: uma revisão de literatura. **Act. El. Sal.**, 2020, 2675-1208. Disponível em: <http://erevista.unioeste.br/index.php/salutis/article/view/25698>.

CENTERS FOR DISEASE CONTROL AND PREVENTION (CDC). **Coronavirus Disease 2019** [Internet]. 2020 [cited 2020 abr 24]. Available from: <https://www.cdc.gov/coronavirus/2019-ncov/daily-life-coping/managing-stressanxiety.html>.

CHAVES, G. R; LAMOUNIER, A. J; SANTIAGO, B. L. Aleitamento materno e terapêutica para a doença coronavírus 2019 (COVID-19). **Residência Pediátrica**, 2019: Ahead of Print. Disponível em: [https://cdn.publisher.gn1.link/residenciapediatrica.com.br/pdf/aop\\_323.pdf](https://cdn.publisher.gn1.link/residenciapediatrica.com.br/pdf/aop_323.pdf).

COSTA, A. M. AMAMENTAÇÃO EM TEMPOS DE COVID-19. **Revista Multidisciplinar em Saúde**, [S. l.], v. 2, n. 4, p. 43, 2021. DOI: 10.51161/rem/s/2184. Disponível em: <https://editoraime.com.br/revistas/index.php/rem/s/article/view/2184>. Acesso em: 23 out. 2021.

DANTAS, C. A. et al. Refletindo sobre o contexto da amamentação durante a pandemia da COVID-19. **Enferm. Foco** 2020; 11 (Esp. 2): 236-239. Disponível em: <http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/3616/1012>.

GIULIANI, C. et al. Amamentação durante a pandemia de COVID-19: sugestões em nome do grupo de estudo de mulheres da DMRI. **Diabetes Research and Clinical Practice**, v.165, 108239, 2020 <https://doi.org/10.1016/j.diabres.2020.10823>.

LIMA, A. C. M. C. C. et al. Consultoria em amamentação durante a pandemia COVID-19: relato de experiência. **Esc Anna Nery** [Internet]. 2020 [cited 2021 Mar 2]; 24(spe):e20200350. Available from: [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S141481452020000500602&script=sci\\_arttext](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S141481452020000500602&script=sci_arttext).

LIMA, V. M. et al. Plano de cuidados de enfermagem para o aleitamento materno no contexto da pandemia por COVID-19. **Rev Enferm Atual In Derme**, v. 95, n. 33, 2021 e-021042. Disponível em: <https://doi.org/10.31011/reaid-2021-v.95-n.33art.985>.

MARTINS-FILHO, P. R; SANTOS, V. S; SANTOS, H. P.To breastfeed or not to breastfeed? Lack of evidence on the presence of SARS-CoV-2 in breastmilk of pregnant women with COVID-19. **Revista Panamericana de Salud Pública** [online]. v. 44 [Accessed 23 October 2021] , e59. Available from: <<https://doi.org/10.26633/RPSP.2020.59>>.

MASCARENHAS, F. P. A. et al. Orientação às lactantes acerca do aleitamento materno frente à pandemia COVID-19. **Rev Espaço para a Saúde**. 2020 Dez.;21(2):16-25. Disponível em: <http://espacoparasaude.fpp.edu.br/index.php/espacosaude/article/view/694/pdf>.

MASCARENHAS, V. H. A. et al. Care recommendations for parturient and postpartum women and newborns during the COVID-19 pandemic: a scoping review. **Rev. Latino-Am. Enfermagem.**, v. 28, e3359, 2020. Disponível em <[http://www.revenf.bvs.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-11692020000100609&lng=pt&nrm=iso](http://www.revenf.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11692020000100609&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 29 set. 2021. Epub 10-Ago2020.

MELO, L. et al. Aleitamento materno em tempos de covid-19: uma revisão integrativa. **Research, Society and Development.** 2020. 9. e129997074. 10.33448/rsd-v9i9.7074.

MIRANDA, V. S. G. et al. Fonoaudiologia, amamentação e COVID-19: informações aos fonoaudiólogos. **CoDAS** [online]. 2020, v. 32, n. 3 [Acessado 13 Outubro 2021] , e20200124. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/2317-1782/20192020124>>.

RAMIRO, T. et al. Os benefícios do aleitamento materno na primeira hora de vida. **Global Clinical Research Journal**, [S. l.], v. 1, n. 1, p. e7, 2021. Disponível em: <https://globalclinicalresearchj.com/index.php/globclinres/article/view/14>. Acesso em: 23 out. 2021.

RAMOS, T. E. et al. Aspectos respiratórios da COVID-19 na infância: o que o pediatra precisa saber?. **Residência Pediátrica**; 2020: Ahead of Print. Disponível em: <https://cdn.publisher.gn1.link/residenciapediatrica.com.br/pdf/rp280820a01.pdf>.

RODRIGUES, A; MAIA, J; SANTOS, E; BREDA, I; PATRÍCIO, J; GÄBLER, C. Os impactos da COVID-19 no aleitamento materno e na doação para o banco de leite humano: revisão integrativa. **Unesc em Revista**, v. 4, n. 2, p. 114-129, 4 mar. 2021.

RODRIGUES, M. F. A. et al. Os impactos da covid-19 no aleitamento materno e na doação para o banco de leite humano: revisão integrativa. **UNESC EM REVISTA** (Edição Especial Covid/Pandemia), 2, (2020), 114 -129. Disponível em: <http://200.166.138.167/ojs/index.php/revistaunesc/article/view/250/84>.

ROSSANI, S. S. M. et al. COVID-19 NA INFÂNCIA: uma revisão. **Rev. Psicol Saúde e Debate.** Jan.,2021:7(1): 28-46. Disponível em: <http://www.psicodebate.dpgpsifpm.com.br/index.php/periodico/article/view/699/465>.

SILVA, S. L. A. et al. Aleitamento Materno e COVID-19: Revisão Sistemática da Literatura. **Braz. J. Hea. Rev.**, Curitiba, v. 3, n. 5, p. 12289-12293, set./out. 2020. ISSN 2595-6825. Disponível em: <https://www.brazilianjournals.com/index.php/BJHR/article/view/16489/13650>.

TACLA, M. G. T. M et al. Reflexões sobre o aleitamento materno em tempos de pandemia por COVID-19. **Rev Soc Bras Enferm Ped.** , v.20, Especial COVID-19, p. 60-76. Disponível em: [https://journal.sobep.org.br/wpcontent/uploads/articles\\_xml/2238-202X-sobep-20-spe-0060/2238-202X-sobep-20spe-0060.x65337.pdf](https://journal.sobep.org.br/wpcontent/uploads/articles_xml/2238-202X-sobep-20-spe-0060/2238-202X-sobep-20spe-0060.x65337.pdf).

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). **Infection prevention and control during health care when COVID-19 is suspected** [Internet]. 2020 mar [cited 2020 abr 23]. Available from: [https://www.who.int/publications-detail/infec-tion-prevention-andcontrol-during-health-care-when-novel-coronavirus-\(n-cov\)-infection-issuspected20200125](https://www.who.int/publications-detail/infec-tion-prevention-andcontrol-during-health-care-when-novel-coronavirus-(n-cov)-infection-issuspected20200125).

## CONSEQUÊNCIAS DO COVID 19 NO ALEITAMENTO MATERNO NO BAIXO ALENTEJO

Data de aceite: 16/05/2022

Data de submissão: 25/05/2022

**Solange Pereira Fernandes da Silva**

UCSP Cuba, Vidigueira e Alvito

Beja – Portugal

<https://orcid.org/0000-0003-0052-881X>

**Maria Úrsula Ramalho Carvalho dos Santos**

UCSP Serpa

Beja – Portugal

<https://orcid.org/0000-0001-5375-9705>

**RESUMO: Introdução:** O leite materno é um alimento importante para o desenvolvimento de um recém-nascido. A WHO (Organização Mundial de Saúde) e a ESPHGAN (European Society of Paediatric Gastroenterology, Hepatology and Nutrition), recomendam o aleitamento materno em exclusivo durante os primeiros 6 meses de vida e que continue até aos 2 anos ou mais. **Objetivo:** Analisar a incidência e prevalência do aleitamento materno em contexto de pandemia em quatro concelhos do Baixo Alentejo. **Metodologia:** Estudo regional, retrospectivo foi efetuado por inquérito telefónico, SMS e colheita de dados nas consultas de saúde infantil a todas mulheres dos concelhos que tiveram filhos nascidos em 2019, 2020 e 2021. Esses dados foram registados em programa Excel. **Resultados:** Verificamos que os dados de aleitamento materno na região, em 2019, eram superiores aos dados nacionais. Consideramos então que há uma incidência e prevalência

crescente de aleitamento materno nesta região. Constatamos também, que em 2020 e 2021 esses valores diminuíram significativamente. **Conclusões:** A pandemia por covid 19 fez com que houvesse menos bebés a serem alimentados exclusivamente por leite materno com 1,4 e 6 meses de vida do que em época pré pandemia, com consequências a nível da saúde dos bebés e das mães desta geração.

**PALAVRAS-CHAVE:** Amamentação; Leite Materno; Incidência; COVID-19.

### CONSEQUENCES OF COVID 19 ON BREASTFEEDING IN BAIXO ALENTEJO

**ABSTRACT: Introduction:** Breast milk is an important food for the development of a newborn baby. The WHO (World Health Organization) and the ESPHGAN (European Society of Paediatric Gastroenterology, Hepatology and Nutrition) recommend exclusive breastfeeding for the first 6 months of life and that it continues until 2 years of age or beyond. **Objetivo:** Analisar a incidência e prevalência do aleitamento materno em contexto de pandemia em quatro concelhos do Baixo Alentejo. **Methodology:** A regional, retrospective study was conducted by telephone survey, SMS and data collection in child health consultations to all women of the municipalities who had children born in 2019, 2020 and 2021. These data were recorded in an Excel program. **Results:** We found that the breastfeeding data in the region in 2019 was higher than the national data. We then consider that there is an increasing incidence and prevalence of breastfeeding in this region. We also found, that in 2020 and 2021 these values decreased significantly. **Conclusions:** The covid

19 pandemic caused fewer babies to be exclusively breastfed at 1, 4, and 6 months of age than in the pre-pandemic era, with consequences for the health of babies and mothers of this generation.

**KEYWORDS:** Breast Feeding; Breast Milk; Incidence; COVID-19.

## 1 | INTRODUÇÃO

O leite materno (LM) é um alimento adequado às necessidades imunológicas, genéticas, energéticas, nutricionais e hídricas do recém-nascido e do pequeno lactente, sendo ainda responsável pela promoção de um crescimento e desenvolvimento harmoniosos. O LM demonstrou ser protetor contra a diarreia, otite média, asma, alergia, obesidade, diabetes e certos tipos de cancro. Em alguns países o LM reduz as taxas de mortalidade infantil até aos 2 anos. É um pilar para promover o desenvolvimento imunológico do lactente tanto por fatores imunológicos transferidos da mãe para o lactente através do leite materno quanto por microrganismos que colonizam os órgãos e vírus que enriquecem o viroma. (AGOSTONI, BRAEGGER, DECSI, KOLACEK *et al.*, 2009; BHATT, 2021; FLANNERY, PUOPOLO, 2021; KYLE, GLASSMAN, KHAN, FERNÁNDEZ *et al.*, 2020; ORGANIZATION, 2022; VASSILOPOULOU, FEKETE, KOUUMBI, MESIARI *et al.*, 2021).

Embora a verdadeira função e propósito de muitos dos componentes do leite ainda seja pouco compreendido, constatamos tratar-se de um fluido biológico altamente complexo não apenas em elementos nutricionais essenciais para o desenvolvimento e crescimento infantil normal, mas também é um compartimento imunológico notável (AIMAN, SHOLEHAH, HUSEIN, 2021; POWELL, 2022).

Por estes motivos, a WHO e a ESPHGAN recomendam e incentivam o LM em exclusivo durante os primeiros 6 meses de vida e que se prolongue até aos 2 anos ou mais (AGOSTONI, BRAEGGER, DECSI, KOLACEK *et al.*, 2009; ORGANIZATION, 2022). A política atual é que o aleitamento materno (AM) é contraindicado apenas em um número limitado de doenças virais, ou seja, HIV, citomegalovírus (CMV) em prematuros e vírus linfotrópico T humano (LUBBE, BOTHA, NIELA-VILEN, REIMERS, 2020).

A Lancet Breastfeeding Series (2016) relatou que a ampliação da amamentação poderia prevenir cerca de 823.000 mortes de crianças anualmente. O mesmo autor ainda afirmou que o AM reduz 64% da morbidade e mortalidade por diarreia, 74% na gravidade do VSR e sua hospitalização com 72%. Isso demonstra os benefícios protetores da amamentação, relacionados à pandemia de COVID-19 (LUBBE, BOTHA, NIELA-VILEN, REIMERS, 2020).

Desde o início de 2020, quando a WHO anunciou um novo coronavírus, o SARS-CoV-2, que provoca a doença do coronavírus 19 (COVID-19), o mundo inteiro foi dominado pela Pandemia do COVID-19 (VASSILOPOULOU, FEKETE, KOUUMBI, MESIARI *et al.*, 2021). À medida que o mundo enfrenta uma crise de saúde pública sem precedentes, um

foco importante passou a ser a proteção de nossas populações mais vulneráveis, incluindo mulheres grávidas e recém-nascidos (KYLE, GLASSMAN, KHAN, FERNÁNDEZ *et al.*, 2020).

No mesmo período surgiu um grande dilema quanto à possível necessidade de interromper o AM de bebês de mães infetadas. Uma questão importante desde o início da pandemia foi “se o leite de uma pessoa infetada por SARS-CoV-2 pode ser um veículo para a transmissão de SARS-CoV-2”. Esta questão provocou um pânico considerável e levou à separação de mães e bebês, sobretudo à nascença, muitas vezes com consequências adversas para o estabelecimento da relação aleitamento materno/amamentação, em alguns casos, de forma sem retorno. Agora, mais de 2 anos após o início da pandemia, essa questão foi explorada por vários grupos. Até o momento, não há evidências de que o SARS-CoV-2 seja transmitido pelo leite humano. Numerosos estudos de colostro e leite maduro de mulheres com infecção aguda por SARS-CoV-2 não conseguiram encontrar nenhum RNA viral em amostras de leite (POWELL, 2022). A via de transmissão altamente dominante para SARS-CoV-2 é através da inalação de gotículas respiratórias contendo partículas virais. Outras vias de transmissão são possíveis, incluindo fecal-oral, transplacentária e, em menor grau, através de uma superfície contaminada (POWELL, 2022).

A WHO e todas as principais associações relevantes recomendam que os bebês não sejam separados de mães infetadas por SARS-CoV-2 e que a amamentação seja estabelecida e não interrompida (dependendo do desejo das mães de fazê-lo), em combinação com uso de máscara e outras medidas de higiene (POWELL, 2022; PÉREZ-BERMEJO, PERIS-OCHANDO, MURILLO-LLORENTE, 2021).

No LM de mães infetadas, foram detetados anticorpos IgA contra SARS-CoV-2, o que pode explicar o impacto clínico reduzido da doença em bebês amamentados após exposição viral futura (VASSILOPOULOU, FEKETE, KOUUMBI, MESIARI *et al.*, 2021). A IgA específico e outras classes de anticorpos parecem persistir durante a lactação em mães afetadas/imunizadas por pelo menos sete meses (BARDANZELLU, PUDDU, FANOS, 2021).

É fundamental acompanhar e apoiar as mulheres desde o pré parto, de seguida no parto até à alta hospitalar. A melhor maneira de promover o sucesso da amamentação é garantir que a díade mãe-bebê seja mantida junta e que o contato pele a pele seja apoiado e incentivado. Garantindo que isso aconteça imediatamente após o nascimento, o microbioma do bebê pode se desenvolver a partir da flora da mãe, tão benéfica durante uma pandemia. O contato pele a pele também aumenta os níveis de glicose no sangue 75 a 90 minutos após o nascimento, melhora a estabilidade cardiorrespiratória e reduz significativamente os níveis de stresse no bebê e na mãe. O cheiro, o toque e a voz da mãe acalmam naturalmente o bebê. Manter a mãe e o bebê juntos pode também reduzir o stresse do parto e até prevenir distúrbios do neurodesenvolvimento no bebê (LUBBE, BOTHA, NIELA-VILEN, REIMERS, 2020).

Depois da alta hospitalar, a assistência à mulher deve ser continuada nos cuidados de saúde primários para detetar as situações de risco o mais precocemente possível de forma a diagnosticar e tratar atempadamente os casos com complicações (má pega, mastites, abscessos, candidíase mamária, fissuras, dúvidas maternas, perceção errada de pouco leite etc.). As mulheres quando apoiadas a superar as dificuldades amamentam durante mais tempo. A legislação nacional também confere proteção à mãe e ao AM.

No início de 2012, a Comissão Nacional Iniciativa Amiga dos Bebés de Portugal, no Manual de Aleitamento Materno, refere que não existem estatísticas sobre a incidência e a prevalência do aleitamento materno nacionais. Mencionam que alguns estudos portugueses apontam para uma alta incidência do AM, significando que mais de 90% das mães portuguesas iniciam o AM, no entanto, esses mesmos estudos mostram que quase metade das mães desistem de dar de mamar durante o primeiro mês de vida do bebé, sugerindo que a maior parte das mães não conseguem cumprir o seu projeto de dar de mamar, desistindo muito precocemente da amamentação (LEVY, 2012).

Há estudos que apontam como principais causas do abandono do LM a pouca motivação da mãe para amamentar, o choro intenso do bebé, a perceção de leite insuficiente ou “fraco” e a não satisfação do bebé. Estes motivos podem ser superados com o apoio dos profissionais de saúde nas consultas de vigilância da saúde infantil ou de saúde materna e nas sessões de preparação para a parentalidade. Com base na nossa experiência consideramos que se muitas mulheres receberem apoio adequado e atempado, forem incentivadas a amamentar, não desistiriam do seu projeto de forma precoce e a taxa de prevalência do AM aumentaria. A falta de registo sistemático nos programas informáticos dos enfermeiros e médicos (Sclinico) faz com que a análise da incidência e prevalência do AM seja dificultada.

O Distrito de Beja, situado na região do Baixo Alentejo (Portugal) tem uma população que se debate com grande dispersão geográfica, dificuldades económicas, baixo poder de compra, afetada pelo desemprego, a quem é fundamental garantir um acesso privilegiado aos cuidados de saúde, nomeadamente no que se refere à promoção da sua saúde, prevenção da doença e qualidade de vida.

O objetivo deste estudo foi analisar a incidência e prevalência do aleitamento materno em contexto de pandemia em quatro concelhos do Baixo Alentejo. O estudo incidiu nos anos de 2019, 2020 e 2021 nos concelhos de Alvito, Cuba, Serpa e Vidigueira (Distrito de Beja - Portugal). Os profissionais de saúde desta região trabalharam bastante a temática da amamentação com a comunidade e no hospital ao longo do tempo. Daí ter surgido a necessidade de avaliar os resultados do investimento feito em 2019. Após a situação da pandemia por covid 19, tornou-se pertinente analisar novamente a situação da amamentação no local em 2020 e 2021, para podermos comparar o impacto desta pandemia nas grávidas, mães e bebés.

## 2 | METODOLOGIA

Para fazer a revisão bibliográfica de estudos sobre a incidência e prevalência de AM em Portugal e a fundamentação teórica, utilizou-se a pesquisa através de motores de busca Scielo, Pubmed, Medline plus, Google Académico e B-on (biblioteca de conhecimento online).

Este é um estudo retrospectivo a 2019, 2020 e 2021. Abordaram-se as mães acerca da alimentação infantil por contato telefónico, SMS e ainda nas consultas de saúde infantil nos respetivos centros de saúde. Foram excluídas do estudo as utentes sem contato telefónico e sem consultas de vigilância de saúde infantil, bem como as crianças com menos de 6 meses de idade completos.

Foi esclarecido a cada utente sobre a realização do estudo e qual a sua finalidade, esclarecendo os seus direitos, garantir o anonimato e a confidencialidade de todos os dados obtidos. Respeitando, assim, o consentimento informado verbal, e os princípios éticos da investigação em enfermagem, no que diz respeito à beneficência, não maleficência, fidelidade, justiça, veracidade e confidencialidade (NUNES, 2020).

Esses dados foram inseridos em tabela Excel para serem analisados posteriormente. As respostas foram agrupadas nas seguintes opções: 0 meses (bebes que iniciaram leite artificial durante o primeiro mês de vida), 1 mês, 4 meses ou 6 meses de AM exclusivo.

Os dados referentes a 2019 foram recolhidos no final desse mesmo ano. Por isso, obtivemos o universo de 105 utentes elegíveis para o estudo, obtivemos 90 questionários respondidos, cerca de 86% do total de utentes. Os dados referentes a 2020 foram realizados no final de 2021. Portanto, de 232 utentes elegíveis, obtivemos 162 respostas, 70% da população. Em 2021, a recolha de dados realizou-se entre janeiro e maio de 2022. Desta forma, obtivemos 198 crianças com 6 meses completos em que 144 responderam ao questionário, 73% da população elegível.

## 3 | RESULTADOS

Os dados de alguns estudos nacionais obtidos em pesquisa bibliográfica - *Epaci Portugal 2012* – (Estudo do Padrão Alimentar e Crescimento na Infância); Registo do Aleitamento Materno (RAM) 2013; Inquéritos Nacionais de Saúde (INS) 1995/96, 1998/99 e 2005/06 - estão resumidos na Tabela 1 (KISLAYA, BRAZ, DIAS, LOUREIRO, 2014; MOREIRA, SEVERO, PINT, NAZARETH *et al.*, 2014; ORFÃO, SANTOS, GOUVEIA, SANTOS, 2014).



	<b>INS 95/96,</b>	<b>INS 05/06</b>	<b>Epaci 2012</b>	<b>RAM 2013</b>
<b>Início LM</b>	-	-	91%	98,6%
<b>1º Mês</b>	-	-	-	88,1%
<b>2º Mês</b>	-	-	-	51,6%
<b>3º Mês</b>	34,6%	60,6%	-	52,8%
<b>4º Mês</b>	26,8%	53%	-	35%
<b>5ª Mês</b>	-	-	-	22,1%
<b>6º Mês</b>	20,6%	36,6%	53%	-
<b>12º Mês</b>	-	-	23%	-

Tabela 1. Incidência e Prevalência Aleitamento Materno Portugal.

Os resultados apurados nos quatros concelhos da região de abrangência da Unidade Local de Saúde do Baixo Alentejo (ULSBA), Cuba, Vidigueira, Alvito e Serpa em 2019, 2020 e 2021 encontram-se nos Tabelas 2 e 3.

	<b>2019</b>	<b>2020</b>	<b>2021</b>
<b>Idade média (anos)</b>	30 (máx. 46; mín. 13)	29,9 (máx. 45; mín. 15)	29,8 (max. 44; mín. 14)
<b>Filho (s) anterior</b>	1 (máx. 3; mín 0)	1 (máx. 5; mín 0)	1 (max 6; mín 0)
<b>IG no parto (semanas)</b>	39 (máx 41, mín 34)	38,6 (máx. 41; mín 24)	38,6 (máx. 42; mín. 23)
<b>Rn termo</b>	94,5%	90%	90,2%
<b>Rn pré-termo</b>	5,7%	9,6%	9,8%
<b>Parto eutócico</b>	46%	53,9%	56,8%
<b>Parto cesariana</b>	33,3%	33%	29,1%
<b>Parto por ventosa</b>	12,6%	7,8%	9,7%
<b>Parto por forceps</b>	8%	5,2%	4,4%
<b>Peso RN medio</b>	3239 gr (máx 4220; mín 1640)	3128gr (máx. 4075; mín. 575)	3199 g (max 3950; mín. 1030)
<b>RN baixo peso (menos de 2500gr e IG acima das 37s)</b>	2,4%	2,2%	2,5%
<b>Local de parto em Beja</b>	92%	82,3%	86,9%
<b>Curso de preparação para o parto</b>	67%	31%	40%

Tabela 2. Caracterização da amostra 2019, 2020 e 2021 em Vidigueira, Alvito e Cuba – Beja, Baixo Alentejo.

	2019	2020	2021
<b>Rn que deixaram de mamar antes de 1 mês de vida</b>	10,3%	22,8%	30,6%
<b>LM exclusivo 1º mês</b>	89,7%	77,2%	69,4
<b>LM exclusivo 4º mês</b>	74,7%	46,9%	38,2%
<b>LM exclusivo 6º mês</b>	52,9%	22,2%	25,7%
<b>Problemas no AM</b>	32%	16,1%	21,1%

Tabela 3. Incidência e Prevalência do aleitamento materno 2019, 2020 e 2021 em Vidigueira, Alvito e Cuba – Beja, Alentejo.

## 4 | DISCUSSÃO

De acordo com os estudos nacionais (INS 95/96, INS 05/06, Epaci 2012 e RAM 2013) sobre alimentação infantil, assiste-se a uma evolução positiva nas práticas do aleitamento materno em exclusivo. Esta melhoria parece estar relacionada com as ações desenvolvidas no âmbito do programa Iniciativa Hospitais Amigos dos Bebés da Unicef e às medidas de promoção preconizadas. Também as alterações legislativas sobre o período de licença de maternidade implementadas em Portugal poderão ter tido uma influência positiva.

Estes dados nacionais demonstram claramente a importância do apoio continuado às mães na gravidez, parto e pós-parto, bem como a pertinência da criação de condições ótimas de suporte às mães, de forma a permitir o cumprimento das atuais recomendações para melhorar a saúde das crianças e população em geral.

No entanto, os dados do *Epaci Portugal 2012* e do RAM 2013 demonstram que ainda há um trabalho muito grande para ser feito pois apenas 53% das crianças em 2012 e menos de 22,1% em 2013 cumpriram as recomendações preconizadas pela WHO e ESPHGAN de AM exclusivo até ao 6 mês de vida, registando-se um declínio da prevalência de AM ao longo do tempo (AGOSTONI, BRAEGGER, DECSI, KOLACEK *et al.*, 2009; MOREIRA, SEVERO, PINTO, NAZARETH *et al.*, 2014; ORFÃO, SANTOS, GOUVEIA, SANTOS, 2014).

Analisando os resultados do RAM 2013 verifica-se que o AM exclusivo do nascimento até à alta hospitalar diminui de 98,6% até 88,1%, no primeiro mês e 35% no 4º mês de vida. Sem dúvida que mais apoio na chegada a casa da maternidade e maior e melhor oferta nos cuidados de saúde primários são necessários para apoiar a amamentação. Segundo a mesma fonte o AM contínuo é de 25,0% aos 15 meses e 12,5% aos 18 meses (ORFÃO, SANTOS, GOUVEIA, SANTOS, 2014).

Quando comparamos os dados obtidos em 2019, nos 4 concelhos do baixo Alentejo, com os dados nacionais, verificamos estatísticas de AM exclusivo semelhantes ao estudo *Epaci Portugal 2012*, mas bastante superiores aos dados do RAM 2013, com 89,7% no primeiro mês de vida, 74,7% no 4º mês de vida e 52,9% no 6ª mês de vida de AM exclusivo.

Ao 6º mês, no Baixo Alentejo, em 2019 tivemos 52,9% bebês com AM exclusivo. Se compararmos estes dados regionais com os dados dos INS 95/96 em que na mesma altura mamavam 20.6% dos bebês ou em 05/06 com 36.6% podemos reforçar a ideia de que temos uma tendência positiva dos bebês amamentados no Baixo Alentejo. Constatando que os dados locais de amamentação apresentam incidências e prevalências superiores aos encontrados nos estudos nacionais.

Estes valores devem-se provavelmente ao forte investimento e motivação dos profissionais de saúde da área hospitalar e dos cuidados primários nesta matéria ao fazerem cursos de conselheiras em aleitamento materno e ao trabalharem esta matéria junto da população de grávidas durante o período pré-natal e no pré parto nas aulas de preparação para a parentalidade (67% das utentes que frequentam estes cursos). Porém não conseguimos distinguir, com este estudo, se os 10,3% de bebês que deixaram de mamar exclusivamente no primeiro mês de vida foi ainda na maternidade ou durante as primeiras semanas em casa onde surgem por vezes problemas na amamentação e dúvidas (com 32% de utentes manifestaram que tiveram dúvidas). Estudos mais precisos seriam necessários para saber se destes 10,3% quantas mães optaram por não amamentar, porque a amamentação é uma opção da mãe e não uma obrigação. Destes números também seria interessante separar aqueles bebês que mesmo fazendo leite artificial continuam a mamar LM – aleitamento misto.

Em 2019, vários bebês deixaram o aleitamento materno exclusivo aos 5 meses por necessidade de as mães retornarem ao trabalho por terminar as licenças de parentalidade. Quando comparamos os dados pré pandemia (2019) e pandemia por COVID-19 (2020 e 2021) verificamos que a idade média das utentes inquiridas não se alterou significativamente (2019 – 30 anos; 2020 – 29,9 anos e 2021 – 29,8 anos). O número médio de filhos anteriores é igual nos três anos analisados. A idade gestacional do parto em 2019 foi em média 39 e baixou ligeiramente em 2020 e 2021 – 38,6, talvez porque a grande maioria dos partos em 2020 na maternidade da região foram induzidos às 39s e em 2021 passaram a ser programados entre as 39 e as 40 semanas. Curiosamente verificamos um aumento de recém-nascidos pré-termo nos anos de pandemia (2020 e 2021) relativamente a 2019. O número de partos eutócicos aumentou – 2019 com 46%; 2020 com 53,9% e 2021 com 56,8%. A percentagem de cesarianas manteve - se sensivelmente igual entre 2019 e 2020, mas desceu ligeiramente em 2021 para 29,1%. O peso médio dos recém-nascidos manteve se sensivelmente igual nos três anos, assim como a percentagem de recém-nascidos de baixo peso (acima das 37 semanas, mas abaixo dos 2500 gr de peso ao nascimento). Na altura pré pandemia as mulheres optavam mais por parir em Beja (92%). No pico da pandemia verificamos que apenas 82,3% das utentes pariram em Beja. Talvez por causa das políticas de cuidados de saúde na maternidade: não permitirem acompanhamento durante o trabalho de parto e internamento; separação de mãe e recém-nascido durante o internamento se mãe covid 19 positiva na altura do parto. Em 2021, verificamos uma

tendência a subir de mulheres optarem por parir em Beja talvez porque o acompanhante foi permitido na altura do trabalho de parto/período expulsivo. No que diz respeito às aulas de preparação para a parentalidade, concluímos que a percentagem de utentes que frequentavam este curso em 2019 era de 67%. Na altura da pandemia, inicialmente esteve suspensa e posteriormente esta formação passou a ser on-line, via zoom, e isso deve ser o motivo para a adesão ter diminuído. Em 2020 a frequência das aulas de grupo de preparação para a parentalidade em 2020 desceu para 31%, menos de metade. Em 2021 com o retorno às aulas de grupo presenciais a percentagem de mulheres que frequentou esta formação aumentou.

Quando comparamos os dados relativos ao AM entre o nascimento e o 1º mês de vida do recém-nascido, verificamos que o abandono do AM exclusivo aumentou para o dobro em 2020 (22,8%) e para o triplo em 2021(30,6%) em comparação com os dados pré pandemia em 2019 (10,3%).

Há mães que se esforçaram mais para amamentar na época da pandemia com a finalidade de proteger os filhos do vírus. No entanto, houve outras que por estarem com tanto medo e receios de estarem contagiadas e transmitirem a infeção para os recém-nascidos que não conseguiram estabelecer o correto processo de amamentação (BADR, ALGHAMDI, 2022).

A mesma tendência negativa, verificou-se no AM exclusivo no 1º, 4º e 6ºmês de vida. No ano de 2019, tínhamos percentagem de AM em exclusivo superior aos valores apresentados no RAM de 2013. No entanto, nos anos de pandemia, 2020 e 2021, os valores foram abaixo do RAM 2013 como verificamos nas Tabelas 1 e 3.

Estes resultados estão em consonância com outros realizados a nível mundial. Os dias de confinamento social por causa da pandemia por covid 19 trouxeram stress emocional, sensação de isolamento social, dificuldade de aceder aos cuidados de saúde e falta de apoio (familiar, social, profissionais de lactação) e por vezes, aumento da violência doméstica. A mídia e a tecnologia influenciaram os estilos de vida das pessoas. As consequências de tudo isto na amamentação resultaram numa redução da taxa e prevalência de aleitamento materno, com repercussões a nível da saúde das crianças, risco nutricional, desenvolvimento infantil com custos sociais e aumento da depressão pós-parto (FRY, LEVIN, KHOLINA, BIANCO *et al.*, 2021; ISLAM, BROIDY, BAIRD, RAHMAN *et al.*, 2021; JÁCOME, CASTANEDA-ORJUELA, BARAHOMA, 2021).

Neste estudo, sentimos dificuldade de comparar estudos com características diferentes. Tentamos por isso comparar apenas o que é comparável apesar dos estudos terem sido realizados com desfasamento na linha do tempo. Consideramos importante realizar um estudo mais abrangente da população da Baixo Alentejo, em todos os concelhos, para melhor entender esta problemática, e possivelmente delinear estratégias de atuação eficientes. Torna-se urgente mudar as políticas hospitalares e reforçar o AM nos cuidados primários para voltar a valores de AM pré pandemia ou ainda maiores para melhor a saúde

no geral da população.

## 5 | CONCLUSÃO

A amamentação é um processo essencial para a saúde do bebê. Vários estudos indicam que o AM como única forma de alimentação até o sexto mês de vida pode diminuir a morbi-mortalidade infantil, além de ser fundamental para o crescimento e desenvolvimento da criança. Sabemos que a decisão de amamentar é uma decisão pessoal, da mulher/casal. Mas, a concretização desta vontade está sujeita a uma série de influências e condicionantes.

A nível nacional, os dados da incidência e prevalência de aleitamento têm vindo a aumentar com iniciativas como Hospitais e unidades de saúde amigas do bebê assim como o aumento das licenças parentais que o estado proporciona.

A nível da região do Baixo Alentejo esta tendência também se verifica. Os resultados do estudo de 2019 demonstra que a incidência e a prevalência do AM é das maiores encontradas em estudos semelhantes a nível Nacional (INS 95/96, INS 05/06, Epaci Portugal 2012 e RAM 2013). Verifica-se então que a nível regional, em Cuba, Vidigueira, Alvito e Serpa, em 2019, com AM exclusivo houve 89,1% dos bebês com 1 mês de vida, 74,7% com 4 meses de vida e 52,9% com 6 meses.

Com a pandemia em 2020 e 2021 observamos uma grande diminuição destes dados estatísticos de AM exclusivo. Em 2020, com 1 mês de vida verificamos 77,2% de bebês, com 4 meses de vida 46,7% e com 6 meses de vida 22,2% de crianças com AM exclusivo. Em 2021 os bebês com AM exclusivo com 1 mês foram 69,4%, com 4 meses 38,2% e com 6 meses 25,7%. De tudo o que se analisou, verificamos maiores alterações na escolha do local de parto e frequência de aulas de preparação para a parentalidade. Nos anos de pandemia (2020 e 2021), houve mais mulheres a escolherem outras instituições para além da maternidade regional para nascerem os seus bebês e menos grávidas a assistirem às aulas de preparação para a parentalidade.

Perante os dados, consideramos que há a necessidade de apostar mais na formação dos profissionais sobre esta temática para que o apoio ao AM tanto na gravidez (aulas de preparação parentalidade), nas políticas hospitalares de parto de mulheres covid positivas e no pós-parto, de forma a trazer ganhos para a saúde futura das crianças, das mães e população em geral. Só com empenho e dedicação quer dos profissionais, quer das administrações das instituições de cuidados de saúde conseguimos atingir o objetivo da ESPHGAN e da WHO que os bebês sejam amamentados exclusivamente até aos 6 meses de vida e em complementaridade com outros alimentos até aos 2 anos ou mais.

## REFERÊNCIAS

- AGOSTONI, C.; BRAEGGER, C.; DECSI, T.; KOLACEK, S. *et al.* Breast-feeding: A commentary by the ESPGHAN Committee on Nutrition. **J Pediatr Gastroenterol Nutr**, 49, n. 1, p. 112-125, Jul 2009.
- AIMAN, U.; SHOLEHAH, M.; HUSEIN, M. G. Risk transmission through breastfeeding and antibody in COVID-19 mother. **Gac Sanit**, 35 Suppl 2, p. S524-S529, 2021.
- BADR, H.; ALGHAMDI, S. Breastfeeding Experience among Mothers during the COVID-19 Pandemic. **Int J Environ Res Public Health**, 19, n. 8, Apr 9 2022.
- BARDANZELLU, F.; PUDDU, M.; FANOS, V. Breast Milk and COVID-19: From Conventional Data to “Omics” Technologies to Investigate Changes Occurring in SARS-CoV-2 Positive Mothers. **Int J Environ Res Public Health**, 18, n. 11, May 25 2021.
- BHATT, H. Should COVID-19 Mother Breastfeed her Newborn Child? A Literature Review on the Safety of Breastfeeding for Pregnant Women with COVID-19. **Curr Nutr Rep**, 10, n. 1, p. 71-75, Mar 2021.
- FLANNERY, D. D.; PUOPOLO, K. M. Perinatal COVID-19: guideline development, implementation, and challenges. **Curr Opin Pediatr**, 33, n. 2, p. 188-194, Apr 1 2021.
- FRY, H. L.; LEVIN, O.; KHOLINA, K.; BIANCO, J. L. *et al.* Infant feeding experiences and concerns among caregivers early in the COVID-19 State of Emergency in Nova Scotia, Canada. **Matern Child Nutr**, 17, n. 3, p. e13154, Jul 2021.
- ISLAM, M. J.; BROIDY, L.; BAIRD, K.; RAHMAN, M. *et al.* Early exclusive breastfeeding cessation and postpartum depression: Assessing the mediating and moderating role of maternal stress and social support. **PLoS One**, 16, n. 5, p. e0251419, 2021.
- JÁCOME, Á.; CASTANEDA-ORJUELA, C.; BARAHOMA, N. Indirect effects of the SARS Cov-2 pandemic on the prevalence of breastfeeding: Modeling its impact. *Biomédica*. 2021.
- KISLAYA, I.; BRAZ, P.; DIAS, C.; LOUREIRO, I. A evolução do aleitamento materno em Portugal nas últimas duas décadas: dados dos Inquéritos Nacionais de Saúde
- KYLE, M. H.; GLASSMAN, M. E.; KHAN, A.; FERNÁNDEZ, C. R. *et al.* A review of newborn outcomes during the COVID-19 pandemic. **Semin Perinatol**, 44, n. 7, p. 151286, Nov 2020.
- LEVY, L. Manual do aleitamento materno. BÉRTOLO, H.: Comité Português para a unicef - Comissão Nacional Iniciativa Hospitais Amigos dos Bebés 2012.
- LUBBE, W.; BOTHA, E.; NIELA-VILEN, H.; REIMERS, P. Breastfeeding during the COVID-19 pandemic - a literature review for clinical practice. **Int Breastfeed J**, 15, n. 1, p. 82, Sep 14 2020.
- MOREIRA, T.; SEVERO, M.; PINTO, E.; NAZARETH, M. *et al.* Consumo alimentar em crianças de 1-3 anos de idade: EPACI Portugal 2012. Associação Portuguesa dos Nutricionistas. 2014.
- NUNES, L. **Aspetos Éticos na investigação de enfermagem**. Setúbal: Escola Superior de Saúde de Setúbal. 2020. Disponível em: [https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/32782/1/ebook\\_aspetos%20eticos%20investigacao%20Enf\\_jun%202020.pdf](https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/32782/1/ebook_aspetos%20eticos%20investigacao%20Enf_jun%202020.pdf)

ORFÃO, A.; SANTOS, Á.; GOUVEIA, C.; SANTOS, C. **Registo do Aleitamento Materno RAMI relatório de janeiro a dezembro 2013**. 2014. Disponível em: [dgs.pt/documentos-e-publicacoes/iv-relatorio-do-aleitamento-materno-2013.aspx](https://dgs.pt/documentos-e-publicacoes/iv-relatorio-do-aleitamento-materno-2013.aspx). Acesso em: 03 Maio 2022.

ORGANIZATION, W. H. **Breastfeeding**. 2022. Acesso em: 02 maio 2022.

POWELL, R. L. R. Safety of breast/chest-feeding by those infected by SARS-CoV-2. **Curr Opin Clin Nutr Metab Care**, 25, n. 2, p. 129-132, Mar 1 2022.

PÉREZ-BERMEJO, M.; PERIS-OCHANDO, B.; MURILLO-LLORENTE, M. T. COVID-19: Relationship and Impact on Breastfeeding-A Systematic Review. **Nutrients**, 13, n. 9, Aug 26 2021.

VASSILOPOULOU, E.; FEKETE, G.; KOUUMBI, L.; MESIARI, C. *et al.* Breastfeeding and COVID-19: From Nutrition to Immunity. **Front Immunol**, 12, p. 661806, 2021.



## **SOBRE A ORGANIZADORA**

**MARIA OTÍLIA BRITES ZANGÃO** - Concluiu o Doutoramento em Enfermagem em 2014 pela Universidade Católica Portuguesa, Mestrado em Human Ecology em 2003 pela Universidade de Évora, possui duas pós-graduações, uma em Psicologia da Gravidez e da Maternidade desde 2004 pelo Instituto Superior de Psicologia Aplicada de Lisboa, outra em Administração de Unidades de Saúde desde 2017 pela Universidade de Évora e Licenciatura em Enfermagem de Saúde Materna e Obstétrica em 1999 pela Universidade de Évora - Escola Superior de Enfermagem de São João de Deus. É formadora em Aleitamento Materno com a Especialização em Formador e Conselheira em Aleitamento Materno desde 2010 pela Escola Superior de Enfermagem de Lisboa. É Professor Adjunto na Universidade de Évora Escola Superior de Enfermagem de São João de Deus, Diretora do Departamento de Enfermagem e Diretora do Curso de Mestrado em Enfermagem de Saúde Materna e Obstétrica na Universidade de Évora - Escola Superior de Enfermagem de São João de Deus e investigadora no Centro de Investigação - Comprehensive Health Research Centre (CHRC). Publicou artigos em revistas especializadas. Possui capítulos de livros. Organizou e participou como palestrante em vários eventos. Orientou dissertações de mestrado/doutoramento. Recebeu prémios e/ou homenagens. Participa e/ou participou como investigador em 3 projetos financiados. Atua nas áreas de Ciências Médicas e da Saúde com ênfase em Ciências da Saúde, destacando a área de Enfermagem, Educação em Enfermagem, Aleitamento Materno, Saúde Materna, Obstétrica/Ginecológica e Violência.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Adoção 20, 68, 81

Amamentação 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 12, 13, 14, 15, 16, 18, 19, 20, 21, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 32, 33, 34, 37, 40, 41, 42, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 54, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 64, 65, 66, 68, 72, 73, 74, 77, 78, 80, 81, 84, 85, 86, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 97, 98, 99, 100

Assistência de enfermagem 46, 47, 54, 56, 58, 79, 81, 82, 83, 85, 86, 88

Atenção primária a saúde 1

### C

COVID-19 23, 30, 58, 66, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 98, 101, 102

Cuidado do lactente 19

Cuidados de enfermagem 80, 81, 82, 89

### D

Desenvolvimento sustentável 6, 7, 9, 13, 14, 15, 16, 21

Desmame precoce 24, 26, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 56, 57, 59, 64

Determinantes sociais da saúde 1

### E

Enfermagem 4, 5, 6, 19, 20, 27, 29, 30, 31, 42, 43, 44, 46, 47, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 71, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 88, 89, 90, 95, 101, 103

### F

Fenda palatina 32, 33, 35, 37

### G

Golden hour 19, 20, 21, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 30

### L

Lactação 29, 68, 70, 72, 73, 74, 75, 76, 82, 93, 99

Lactação induzida 68

Leite materno 6, 7, 8, 12, 13, 14, 15, 23, 25, 26, 28, 31, 32, 33, 38, 39, 40, 41, 42, 46, 49, 50, 51, 68, 69, 76, 79, 80, 81, 84, 85, 86, 91, 92

### M

Meio ambiente 6, 12, 13, 41

## **P**

Papel do enfermeiro 54, 56, 62, 63

Período pós-parto 24, 80

Prematuro 32, 34

Prevenção ao desmame 54, 55, 56, 57, 59, 64

Profissional da saúde 19

Promoção da saúde 6, 27, 29, 86, 88

## **R**

Recém-nascido 2, 4, 7, 19, 20, 23, 26, 27, 28, 31, 33, 34, 35, 41, 49, 50, 58, 66, 68, 69, 75, 76, 80, 85, 86, 88, 91, 92, 98, 99

Relactação 68, 70, 72, 74, 76, 77, 78

## **S**

Síndrome de Down 33, 34, 35, 37, 40, 43

🌐 [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
✉ [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)  
📷 @atenaeditora  
📘 [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)



# Aleitamento *materno* no contexto social

**Atena**  
Editora  
Ano 2022

🌐 [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
✉ [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)  
📷 @atenaeditora  
📘 [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](http://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)



# Aleitamento *materno* no contexto social

**Atena**  
Editora  
Ano 2022